

PODER E MEMÓRIA NO LIVRO, *INCIDENTES DA VIDA DE UMA ESCRAVA*

Samuel de Jesus¹

Doutor em Sociologia Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais – FCL
UNESP – Araraquara/SP

Resumo A identidade, oralidade, memória e tradição estão presentes no livro *Incidentes da vida de uma escrava* de Harriet Jacobs. O livro tinha como objetivo denunciar a escravidão, fazer um combate histórico. Ao contar suas memórias Harriet de forma sutil acaba por revelar todas as representações simbólicas criadas para a manutenção da escravidão. Este artigo procura analisar esse percurso simbólico que está intimamente ligado ao poder de transformarem seres humanos em escravos e seu combate através da construção de uma nova narrativa contra a escravidão.

Palavras-chave: memória, escravidão, dominação

Abstract Identity, orality, memory and tradition are present in the book *Incidents in the life of a slave* Harriet Jacobs. The book was intended to denounce slavery, to a combat history. In telling their memories of Harriet subtly turns out all symbolic representations created for the maintenance of slavery. This article analyzes the symbolic walk which is closely connected to the power to transform human beings into slaves and their struggle through the construction of a new narrative against slavery.

Keyword: memory, slavery, domination

Introdução

A História nada mais é do que a construção de uma narrativa sobre os fatos passados. Há que ser levado em consideração os fatores subjetivos, pois a nossa visão sobre os acontecimentos muda a cada momento. O objeto está sempre plasmado pela individualidade, cultura, costumes, trajetória de vida, e experiências do observador. A

¹ Email: sdjesu@yahoo.com.br.

memória é construção cuja tendência é lembrar o positivo e esquecer o negativo, assim ao sabor de nossas conveniências, pois sempre estamos dispostos a construir uma

imagem de nós mesmos e das coisas. A memória coletiva pode ser o resultado de uma construção ideológica com um propósito político definido. A construção da memória sempre envolve dimensões do poder.

A construção de um senso comum sobre determinado fato ou sobre determinado grupo de pessoas através de representações que envolvem o simbólico que colam ao imaginário coletivo pode consolidar poderes. Qualquer luta pelo poder deve considerar a construção da memória que ocorre a partir da construção de bases ideológicas que fomentarão o senso comum, resultado da ignorância e de ampla dimensão sobre determinado acontecimento. Nesse intuito Harriet A. Jacobs, ex-escrava pretende denunciar a escravidão contando sua história a todos por meio de um livro autobiográfico. Constrói uma memória sobre a escravidão a serviço do movimento abolicionista.

O livro representa a luta não somente pela sua liberdade, mas de muitos outros cativos. Certamente *Incidentes da vida de uma escrava* não deixa de ser um livro ideológico, carrega todos os problemas que as fontes baseadas em memórias pessoais trazem. Pretendemos analisar o que seria os “pontos frágeis” do trabalho no intuito de ressaltar sua importância, um combate valoroso por direitos essenciais ao ser humano como a liberdade e a igualdade.

A dominação pela memória

O europeu pensava no negro como um branco degenerado, que poderia ser doente ou desvirtuado. Na simbologia das cores da civilização européia a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Missionários decepcionados com o fracasso da conversão afirmavam que o negro refletia a natureza pecaminosa de suas almas resistentes à palavra de deus, assim a escravidão era a única possibilidade de “salvação” desses povos.

Veredas da História, [online]. Ano V, Edição 2, 2012, p. 181-189, ISSN 1982-4238

A desvalorização e a alienação do negro estende-se a tudo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devido à temperatura excessivamente quente. (MUNANGA, 2001, p.21).

A herança social de um povo é legada às futuras gerações por meio da educação. A escola tradicional era a única possibilidade de aprendizado, o do colonizador, assim a memória que lhe inculcam não é a de seu povo. A história de seus ancestrais africanos é substituída pela História européia dos francos, germanos, anglos e bretões, povos de pele e olhos claros. Aprende a língua do colonizador para fazer parte minimamente da vida social, pois apenas com a sua torna-se um estranho dentro de sua própria terra.

A língua do colonizado não possui dignidade nenhuma no país e nos concertos dos povos. Se o negro quiser obter uma colocação, conquistar um lugar, existir na cidade e no mundo, deve, primeiramente, dominar a estranha, de seus senhores. (MUNANGA, 2001, p. 24).

Através da língua a dominação aconteceu e dessa forma se deu sobreposição cultural de um povo sobre outro. A civilização européia devora a cultura de grupos étnicos distintos. A justificativa se baseou na idéia de que o homem branco deve ajudar as civilizações, tidas como “atrasadas”, a darem um salto civilizatório. Seria o fardo do homem branco.

Lembrar é refazer, reconstruir e repensar.

O passado sobrevive por meio das lembranças, uma vez internalizado afloraria a consciência que utilizaria das imagens-lembrança. (HALBWACHS, pp.53), assim Halbwachs coloca a questão:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada. (HALBWACKS, 1990 p.71).

Relacionando as concepções de Halbwachs (1990) à narrativa do livro, *Incidentes sobre a vida de uma escrava*, diríamos que o fato de que poucos acreditaram ser realmente a narrativa de uma ex-escrava, pois sua descrição do erro e da culpa sexual o fez parecer um “folhetim” (um gênero popular), corrobora com as afirmações desse autor. Outro fato, um relato importante, no prefácio de *Os incidentes de uma escrava*, JFY relata que inicialmente havia considerado o livro como uma falsa narrativa de um escravo, somente após pesquisar as feministas abolicionistas brancas e negras é que ela retomou sua leitura. Foi conhecendo melhor a Sra. Child e ouvindo dela que era apenas a revisora do livro.

O livro, *Incidentes da vida de uma escrava* relata a vida de Harriet Anne Jacobs. Logo na introdução nos deparamos com a reveladora carta de Harriet a Amy Post.

Tenho a minha querida amiga-lutei firmemente para fazer um relato verídico e justo de minha vida na escravidão – deus sabe que tentei fazê-lo com espírito cristão...Nada peço – coloquei-me à sua frente para ser julgada como mulher, se mereço a sua piedade ou seu desprezo – tenho outro objetivo em vista- é apresentar-me a senhora tais como sou, uma pobre Mãe escrava – não pode dizer-lhe o que ouvi contar, mas o que vi – e o que sofri – se houver alguma simpatia a ser dada – que o seja aos milhares – de mães escravas que ainda estão no cativeiro..... que seja em favor de seus filhos desamparados.. (JACOBS, 1988, p. 25).

O caráter livre da memória é excepcional para Halbwachs, pois lembrar nem sempre é reviver, mas um refazer, um reconstruir, com a visão do hoje as antigas vivências. Devemos duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, certamente a lembrança é uma imagem reconstruída pelos elementos agora dispostos, assim como as representações que habitam nossa consciência no hoje. (BOSI, 1994, PP. 55).

Nasci escrava, mas só tive consciência disso transcorridos depois de seis anos de idade de infância feliz. Meu pai era carpinteiro, e considerando tão inteligente e habilidoso em seu ofício que, quando se tratava de construir edifícios fora do comum, mandavam-no chamar; até mesmo em lugares distantes, para chefiar o trabalho. Sob a condição de pagar à senhora 200 dólares por ano e manter-se, tinha a permissão de exercer seu ofício e tomar conta de seus próprios negócios (...) Na cor, meus pais eram de um tom claro de amarelo-amarronzado, sendo considerados mulatos. Viviam juntos numa casa confortável, e embora fossemos todos escravos, eu era carinhosamente

protegida que nunca imaginei ser uma peça de mercadoria, cuja guarda lhes estava confiada, e que lhes podia ser retirada a qualquer momento. (JACOBS, 1988, p. 25).

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, PP. 55).

A memória dos velhos

Importante analisar os relatos de Sra. Jacobs considerando a discussão proposta por Ecléa Bosi com relação à memória dos velhos, o que seria um verdadeiro teste para hipótese psicossocial, pois a memória do idoso já se encontra bem desenvolvida e suas lembranças trazem consigo um pano de fundo mais definido, pois não se encontram tão envolvidos nas lutas e contradições do presente quanto uma pessoa jovem ou adulta. Ao contrário, os velhos estão se ocupando consciente e atentamente do próprio passado. O jovem e o adulto não se ocupam longamente do passado, pois para eles a vida pratica é vida pratica. Questiona; *a memória do velho é uma evocação pura, onírica, do passado (a memória por excelência de Bergson) ou um trabalho de refacção deste?* (BOSI, 1994. pp.60). Afirma, em certo momento o homem maduro perde sua condição de membro ativo da sociedade, não é mais o propulsor da vida presente de seu grupo. *Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.* (BOSI, 1994. pp. 63).

Esse quadro traz suas implicações. Segundo Halbwachs há um processo de “desfiguração” sofrido pelo passado que foi remanejado pelas idéias e ideais dos velhos, sendo assim “preconceitos” e “preferências da sociedade dos velhos” estão presentes em seus relatos, pois seguem uma “ideologia.” Logo na primeira página da introdução do livro *Incidentes da vida de uma escrava* é afirmado que sua publicação é inserida em um contexto histórico e que expressa ideais democráticos e contestando a instituição da escravatura, assim como as ideologias e instituições patriarcais.

...e, ao se dirigir diretamente ao leitor (Harriet A. Jacobs), usa a retórica abolicionista clássica para lamentar as inadequações de suas descrições da escravidão, e insiste com seus leitores para que participem do esforço antiescravista. (JACOBS, 1988, p.04)

Embora não seja precisa quanto à violência sexual que sofrera na condição de cativa insistiu para que a violência sexual sofrida pelas escravas fosse incluída nas discussões públicas contrárias a escravidão. Considerando essas hipóteses, não parece ser fora de propósito afirmar que em tese o livro: *Incidentes da vida de uma escrava* confirmariam teses de Halbwachs quanto ao processo de “desfiguração” do passado que foi alterado pela ideologia abolicionista da Sra. Harriet A. Jacobs. A conservação absoluta dos fatos passados aconteceria, segundo Bergson, se a pessoa mantivesse seus vínculos, hábitos sem alterações, pois a mínima alteração alteraria a qualidade da narrativa calcada na memória.

A lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. (BOSI, 1994, p. 55).

Quando Harriet escreve seu livro, o faz na condição de mulher livre, conseguira quebrar os grilhões e rememorar seu passado. Certamente sua memória intacta carregava certezas e convicções que ela não possuía quando jovem. Sua narrativa traveste-se dos ideais abolicionistas e isto está presente na seleção de episódios que considera relevante no livro. Selecionou os atos mais cruéis e covardes para assinalar de forma contundente a crueldade da escravidão que segundo ela deveria ser abolida.

A memória coletiva e memória individual

As lembranças reconstruídas em incidentes. Elas são reconstrução do passado contando com dados do presente preparada por outras construções anteriores cuja imagem interior já seguiu muito alterada, pois afinal é no passado vivido, carregado de lembranças pessoais que se apóia sua memória. Ocorre a separação entre “seu pequeno mundo anterior” e a sociedade que a envolve.

A primeira condição preenchida pelo fato de muito de nossas lembranças remontam a períodos onde, por falta de maturidade, de experiência ou de atenção, o sentido de mais de um fato, a natureza de mais de um objeto ou de uma pessoa nos escapava pela metade. Estamos por assim dizer, engatados por demais ainda no grupo das crianças e já pertencíamos por uma parte de nosso espírito, porém não tão estreitamente, ao grupo dos adultos (HALBWACHS, p.75).

A memória coletiva é formada por memórias individuais, mas não se confunde com elas. A memória individual não se encontra isolada e fechada. Uma pessoa para resgatar seu passado deve apelar às lembranças alheias, a pontos de referência externos e fixados pela sociedade. Recorrer também às palavras e esse é o ponto em que *Incidentes* foi colocado em xeque, pois as limitações da Sra. Jacobs em escrever suas memórias fizeram com que precisasse de uma revisora, a Sra. Child. Esse fato fez com que o livro fosse considerado por muitos uma falsa narrativa de uma escrava, pois a Sra. Child utilizou-se de um estilo de época, chamado vulgarmente de “folhetim” fazendo com que *Incidentes* parecesse um livro de época.

Minha avó tinha feito preparativos carinhosos para receber ao velho lar seu filho o seu filho ausente. Quando a mesa foi posta, o prato de William ocupou seu antigo lugar. A diligência passou vazia. Minha avó atrasou o almoço. Pensou que talvez ele tivesse sido retido por seu senhor. Em minha prisão eu escutava ansiosamente, esperando a cada momento ouvir a voz do meu querido irmão e o seu passo. Duante a tarde o Sr. Sands mandou um mensageiro dizer que William não tinha voltado com ele, que os abolicionistas o haviam conquistado. Pedia, porém que minha avó não se preocupasse, pois tinha confiança de que o veria dentro de poucos dias. (...) Não demorou muito tempo e recebemos uma carta de William. Dizia que sempre fora tratado com bondade pelo Sr. Sands e que tentara cumprir fielmente seus deveres para com ele. Mas desde menino ansiava pela liberdade, e já tinha sofrido o bastante para convencer-se a não perder a oportunidade que lhe era oferecida. (JACOBS, 1988, p. 126 e 127).

A Sra. Jacobs reconhece a influência da revisora em sua obra, sobretudo afirma, diante desse fato, que embora sofresse alterações em seu estilo, a história não foi em nenhum momento alterada, deturpada. Quanto ao fato de se reportar a memória de outros para construir a sua. Ao longo do livro conta a história de outras pessoas que

estão ligadas à sua História. Por exemplo, relatos sobre quem era seu pai, sua avó, seus irmãos e o primo Benjamim e os senhores de escravos vizinhos.

Considerações finais

Quando Harriet A. Jacobs se encontrou livre materializou suas experiências de vida no cativeiro em importante livro para o movimento abolicionista. A grande barreira para ela foi, sem dúvida, a da escrita. O fato de contar com uma revisora para seu texto e até mesmo a escolha do estilo de sua narrativa gerou descrenças com relação à veracidade de seu relato, mas passado o tempo seu livro reafirmou-se como importante narrativa sobre a escravidão. Esse fato foi reflexo de um processo de exclusão da língua escrita sofrido pelos escravos. A grande virtude do livro encontra-se no fato de que ao utilizar-se da memória contribui para a formação de uma narrativa, uma representação e um grande argumento contra a escravidão.

Foi preciso utilizar-se de uma instituição do seu senhor, a língua escrita, para que denunciasse a escravidão e sua violência brutal contra o ser humano. Converteu-se não somente à língua falada do seu opressor, mas também à escrita que não é totalmente sua, precisou da revisão de sua amiga branca, Lydia Maria Child. *Incidentes...* possui uma série de imprecisões, tais como omissões sobre as violências sexuais que sofrera, ou até mesmo pelo fato de escrever sua memória distante do cativeiro pode certamente ter influenciado e com certeza influenciou em sua narrativa, ou ainda a posição ideológica pró-abolicionista que adotou. Todas essas possíveis imprecisões não invalidam seu relato sobre a opressão que sofrera. A crítica é necessária, mas não pode invalidar o fato da escravidão, sem dúvida seu mérito contar a história daqueles que não possuíam voz e que poderiam ser esquecidos, assim como a escravidão.

Bibliografia

- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JACOBS, Harriet. **Incidentes da vida de uma escrava contados por ela mesma.** / texto revisado por Lygia Maria Child; Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE.** Usos e sentidos. -São Paulo. Editora ÁTICA, 1988. (Série Princípios).

SANTOS, Gislene A. dos. **A invenção do ser negro:** um percurso de idéias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP, Rio de Janeiro; PALLAS, 2006.